

KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil.*
Rio de Janeiro, Editora FioCruz, 2008. 280 páginas.
Tradução: César Gordon.

Érica Rosa HATUGAI

E a gente é travesti, a gente não é mulher, a gente já foi
homem, a gente agora é mulher. É por isso que é bom ser
travesti, por essa mágica que a gente tem de ser.
Keila, em diálogo com amigos

Afinal, quem são as travestis? Como compreender esse universo transgênero? Quais as motivações para suas transformações corporais? Como compreender o conjunto de suas práticas sociais, bem como suas articulações de gênero?

Perguntas como estas surgiram a partir de uma visita a cidade de Salvador, as travestis¹ não eram o objetivo de sua visita, Kulick veio a passeio à cidade para visitar uma amiga antropóloga em campo. As travestis despertaram a atenção do antropólogo sueco. E foi de seu olhar, de suas perguntas e do universo daquelas pessoas que surgiram as possibilidades de uma paisagem etnográfica, as motivações para a composição do livro *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*.

Kulick retornou ao Brasil, se lançou ao campo em Salvador durante um ano na década de 90, fez uma bela etnografia a partir das vivências das travestis, morou com elas nos antigos casarões do Pelourinho amontoados de gente durante o período de oito meses. Com elas compartilhou o dia a dia, desde o acordar, as refeições, e o decorrer do dia marcado por rituais de beleza, de benção a partir das idéias de sorte e de mau olhado acompanhadas pelos altares religiosos sincréticos no canto do quarto, viu a preparação do corpo para mais um dia de “batalha”, ouviu as fofocas durante madrugada após mais um dia de trabalho.

Vivendo em campo Kulick explorou as delicadezas em partes ínfimas das histórias de suas informantes permeadas por um pano de fundo constante que é uma das marcas mais registradas em suas vidas, a própria violência. Conheceu violência e sutilezas desde as infâncias permeadas pelas descobertas da sexualidade, de suas atrações sexuais por pessoas do mesmo sexo (quando éramos homens); da violência que será impressa no cotidiano delas a partir da repulsa da família e da comunidade local.

¹ O termo aparece aqui na forma feminina como está apresentado na fala nativa, na fala do autor e na nota do tradutor.

Muitas dessas futuras travestis ou são expulsas de casa ou saem fugidas e migram para os centros urbanos devido às constantes ameaças de morte por parte da família, por medo da repressão que a cidade natal, geralmente histórias que se passam no interior dos estados brasileiros, possui em relação aos homossexuais, de forma mais geral, de tudo aquilo que desvie da heterossexualidade, única condição sexual aceita.

O livro contribui para as áreas da Antropologia, Sociologia e da Saúde; aborda questões sobre corporalidade, sexualidade, as várias dimensões da prostituição, discussões acerca das noções de gênero presentes na sociedade brasileira, questiona o lugar das travestis no debate acadêmico brasileiro acerca do imaginário nacional. O autor em conjunto com o debate teórico sobre gênero mais recente da literatura feminista, tendo como maior expoente Judith Butler, aborda e inova as formas pelas quais o sistema de gênero em nossa sociedade produz a sexualidade, a corporalidade, as idéias sobre gênero, as articulações destas noções no fazer da feminilidade nas práticas da vida de uma travesti.

Kulick traça caminho através da etnometodologia, busca pensar o transgênerismo como contingência, articula debate com a literatura feminista que possibilitou entender que o conceito de sexo biológico já é em si uma leitura ‘genereizada’. Deste ponto de vista, o gênero é tido como uma leitura, como emergências, um conjunto de idéias contextuais que não se restringem as categorias biológicas de homem-mulher; sendo a própria idéia de diferença que se construiu acerca do sexo biológico também uma leitura informada pela base cultural que deve ser compreendida em suas contextualidades.

No que tange o lugar das travestis no debate acadêmico, Kulick aponta que elas figuram em contextos de inversão, as transformações quais as travestis passam são entendidas como inversão de gênero do que é homem em mulher. Elas fazem parte então de um contexto mais amplo da sociedade que tende a inverter as idéias, as heranças patriarcais nos transformando no mito que gostamos de contar sobre e para nós mesmos de que somos um povo liberal, sem preconceitos, notadamente moderno por aceitar toda e qualquer forma de diversidade. Kulick expõe em sua etnografia que as travestis mostraram-se não como estando no lugar da subversão, da inversão ou das avessas, mas das articulações, dos emaranhados, das torções; amarrações produzindo novos arranjos que deslizam pelo binarismo homem-mulher representados pelo quadro conceitual de gênero no Brasil; nas palavras do autor “travestis são ‘condensações’ de determinadas idéias gerais, representações e práticas do masculino e do feminino”

(p.26). Posto isto, de acordo com o autor as travestis se diferenciam das tipologias de gênero do mundo euro-americano, elas não são transexuais, sua subjetividade não se dá pela definição de um gênero, mas pela articulação das noções de gênero, práticas corporais e sexuais. Elas não são o terceiro sexo, não é homem, não é mulher, mas outra sexualidade que se ‘engenera’ na prática, que articula as noções de gênero a partir das construções nativas sobre homens, mulheres e “bichas” e sobre as atribuições destes, da idéia do feminino, do masculino, do que se deseja desses gêneros. E o que se deseja está na sua sexualidade baseada no desejo de feminilidade, de se “sentir mulher” na companhia de um homem.

Chega-se então a compreensão de que as travestis são produzidas a partir dos desejos, desejos esses permeados pelo projeto de alcançar a feminilidade a partir de suas interpretações acerca do que é a mulher e quais são os seus atributos. Alcançar atributos femininos é parte de um processo de construção de gênero e corpo permeados pelo desejo e atração que se tem pelos homens. Elas se engajam em processos que envolvem “completar” um corpo com formas femininas, produzi-lo a partir da ingestão de hormônios femininos, fazê-lo sensual através da aplicação de silicone industrial, produzi-lo pelos cabelos, roupas e pela feminilidade a fim de obter homens (namorados, clientes e os “vícios”), *sex appeal*, e bens.

A partir do que Keila, Banana, Magadala entre outras informaram, Kulick interpreta e mostra que ser travesti não é tentar ou desejar ser mulher, isso é interpretado por elas como loucura, já que o que Deus fez não pode ser desfeito. Religiosidade e saberes corporais entram em cena para explicar que o sexo qual se nasce não deve ser desfeito, pode-se “completar” o corpo com uma infinidade de atributos, mas a mudança de sexo implicaria no esvaziamento e alteração do corpo, assim como remover o pênis seria remover uma fonte de prazer e de renda.

Elas se entendem como homossexuais que desejam outros homens: heterossexuais, sendo a base informada pelo desejo baseada no desejo heterossexual, ou seja, pela diferença e desta forma os desejos estão autorizados, pois estão baseados na diferença: homossexuais (“bichas”) que desejam outros homens (heterossexuais).

As bases que informam o desejo acionam as noções sobre gênero na sociedade brasileira que se apresentam por tramas sobre o que significa ser homem, ser mulher, ser “bicha”. Kulick aponta que a noção de gênero presente na sociedade brasileira não está pautada por uma idéia essencialista do sexo, ou seja, o sexo biológico qual se nasce não dita a condição sexual das pessoas. Para a grande maioria das travestis e da sociedade

brasileira ser homem, ser mulher, ser “bicha”, não é algo que está ligado ao sexo biológico, mas algo que se constrói nas práticas sexuais a partir do papel se que adota no ato sexual. Em um dos pontos mais altos do livro expõe que a lógica local de gênero está baseada na lógica da penetração a partir da ação dos que penetram: homens, e dos que são penetrados: mulheres e “bichas”, ou como Kulick defende um binarismo de gênero baseado na oposição homens e não homens.

Kulick chegou a uma dimensão pouco explorada nos estudos sobre prostituição e sobre as travestis: a dimensão da afetividade dessas pessoas, as formas pelas quais elas escolhem seus parceiros, e o modo como vivem seus relacionamentos. O que emerge é que elas são agentes nas relações com seus namorados a medida que eles fazem parte de um banco de dados compartilhado por elas, assim como os escolhem a partir de requisitos básicos tais como ser jovem, bonito, forte, viril e “avantajado”. Elas não são travestis exploradas por seus namorados, mas pessoas que agenciam suas relações por meio de desejos, elas desejam o seu gênero e o obtêm principalmente dos namorados que as faz se “sentir mulher”. Tal relação é mantida por meio de um fluxo unilateral de bens em forma de dinheiro e presentes para o ser amado, o acesso ao coração deles vem por meio dessas dádivas, a relação é mantida pela dinâmica de bens de um lado e de atribuição de gênero de outro, enquanto houver essa circularidade o namoro entre uma travesti e um homem está em curso.

É no sexo que uma travesti equaciona seu gênero, o “sentir mulher” envolve corpo, homens, sexo, penetração e feminilidade, juntos estes elementos compõem as práticas que as ‘engeneram’. Seus desejos, sua sexualidade e sua feminilidade são conquistas que se dão pela ação, pelas práticas no que diz respeito desde o ato sexual às modificações corporais que, são processos de uma criação contínua com nomes, cabelos, roupas, adereços, hormonização, tendo no silicone industrial a etapa final do produzir e fazer um corpo. Ser travesti é ser ato!

A vida profissional também uma dinâmica específica do mundo das travestis. A prostituição é uma fonte de renda com os programas e com roubos de clientes, assim como é fonte de prazer. Elas mostram que não se trata de uma atividade degradante “as travestis a vêem como um trabalho assim como qualquer outro” (p.151) que, não deve ser pensada somente pelo viés econômico, a prostituição reserva prazer, satisfação, ‘engenera’ quando são penetradas, lhes proporciona *sex appeal*, auto-estima, as faz se sentir mais atraentes. É na “pista” que a travesti batalha o dinheiro para comprar o afeto da família, “completar” o corpo, “agradar” o namorado com bens, que se sente desejada.

Mas é lá também que enfrenta os espaços de violência, das agressões e assassinatos cometidos por policiais, agressões verbais e físicas dos transeuntes, motoristas e toda uma infinidade de pessoas que contrariamente a admiração que rendem as travestis famosas do Brasil que costumam figurar nos programas dominicais para as famílias, reservam para as travestis anônimas hostilidade, ódio e aversão.

Em todos os espaços que vivem sonham com a ida ao paraíso prometido das travestis, a Xangri-Lá do sucesso se chama Itália. É em Roma, Milão ou Gênova que o sonho do sucesso as espera e, como na experiência imigrante, o sonho do retorno para a terra natal, enriquecidas, polidas e civilizadas pelo “primeiro mundo”. Esse sonho nem sempre acontece, quando ocorre realizam o sonho de comprar a casa própria para mãe, adquirir bens para se aposentar da prostituição, agenciar outras travestis na cruzada transatlântica.

Mas como Kulick expôs a maioria delas permanecem por aqui mesmo, anônimas, desprezadas, humilhadas cotidianamente, fazendo a vida na “pista” e nela brilhando. Cotidianamente objetificam, esclarecem uma relação entre corpo, sexo, sexualidade, gênero presente na sociedade brasileira e que pode ter uma abrangência ainda mais ampla pela América Latina.

Sobre nós o que informam não é uma tendência nacional as avessas ou uma democracia das diferenças, “mas os corpos, desejo e subjetividade brasileiros são constituídos de maneira a permitir, e até encorajar, a criação de espaços culturais como aqueles habitados por travestis” (p.248). Fabricam e processam possibilidades a ponto de emergirem novos espaços culturais, mas essas possibilidades são processadas a um preço bem alto que pagam diariamente reivindicando o direito de transitar, trabalhar e existir pelos espaços públicos das cidades, enfrentando um cotidiano de violência, de discriminação e de afirmação constante do direito que possuem de (re)existência.

Kulick nos brindou com uma excelente etnografia, o trabalho de campo foi realizado nos anos de 1996 e 1997, salientou que o universo das travestis, até então, se dava pela efemeridade, pessoas que desejam ardentemente a beleza, a juventude, que se consideravam velhas aos trinta anos de idade, e dado o universo efêmero qual vivem muitas coisas podem ter mudado no cotidiano deste grupo. E não só no cotidiano das travestis as coisas podem ter se modificado bastante nesse espaço de mais de dez anos, mas a própria sociedade brasileira modificou-se também.

Este antropólogo deixou uma contribuição teórica no que tange as áreas das Ciências Sociais e da Saúde sobre violência, prostituição, noções de gênero,

sexualidade, sobre práticas corporais na sociedade brasileira. Deixou uma bela etnografia sobre a caminhada de um antropólogo em campo, desde as dificuldades iniciais em relação à língua, ao entendimento das categorias nativas e a inteligibilidade destas à medida que a relação entre eles crescia se transformando em amizade. Mergulhou no cotidiano de suas informantes captando sutilezas, práticas e fabricações, compreendendo o entendimento delas acerca do mundo e sobre elas mesmas, levou os seus discursos e práticas a sério.

Kulick entendeu de forma sensível e vigorosa a experiência cotidiana das travestis em uma sociedade que as marcam pela violência, que acredita ser moderna e aberta por se crer não preconceituosa, mas que no dia a dia as desprezam, lançam palavras, objetos e morte. É sobre as travestis da cidade de Salvador que Kulick falou, mas ele também deixou sua contribuição para se pensar possibilidades de novos caminhos, entendimentos e pesquisas sobre essas pessoas, sobre sexo, saúde, corpo, sexualidade e gênero em outros territórios afora de Salvador.

Érica Rosa Hatugai

Mestranda em Antropologia Social

Universidade Federal de São Carlos

Bolsista CNPq

ehatugai@gmail.com

Recebido em 31/03/2009

Aceito para publicação em 01/04/2009